

*Nova Iorque, Setembro de 2024*

Quatro homens vestidos de castanho acompanham o presidente da Autoridade Palestiniana. Um deles é um pouco maior, outro é um pouco mais gordo, mas todos têm os mesmos cabelos grisalhos, a pele enrugada, a fisionomia desgastada de burocratas ou de antigos guerreiros que se tornaram burocratas. Quando se sentam, as suas calças castanhas sobem e mostram umas peúgas curtas, cinzentas, que se enfiam nos sapatos baratos que trazem calçados. Enquanto Abbas entoa o seu monólogo sobre a tragédia em curso, os homens de castanho permanecem perfeitamente inanimados, com uma única expressão, de vago arrependimento, nos quatro rostos. Num dado momento, o chefe deles estabelece um paralelo com as guerras de 1948 e de 1967, que forçaram centenas de milhares de palestinianos ao exílio. Quem sabe onde eles se encontravam então. Acabados de nascer, sem dúvida, depois adolescentes, atirados sabe-se lá para onde pelos violentos acasos da história. A expressão deles não se altera, estão demasiado fatigados. Também não se altera quando o presidente francês toma a palavra. Alguns deles talvez entendam a língua. Os

outros têm de esperar pela tradução do intérprete. Mas nada parece ser capaz de romper o muro da exaustão deles, mesmo quando a conversa entre os dois chefes de Estado se anima.

Até que seja pronunciada uma palavra. Uma única palavra, inesperada no fluxo de todas as palavras convencionadas, classificadas de antemão entre os milhões de palavras que povoam este tipo de encontros. Ao ouvirem essa palavra, os homens de castanho animam-se. Os seus corpos abatidos esticam-se na direcção dos dois presidentes, os olhos deles reluzem subitamente. Sacam de pequenos cadernos, começam a tomar notas e a trocar olhares furtivos, quase joviais.

Ninguém encarna melhor do que Lula «essa mistura de homem de Estado e de garoto» que Mérimée já observava em Palmerston. Ele confunde-se, chama «Sarkozy» a Macron, já viu muita coisa, também ele, uma vida de operário, trinta anos de lutas, a prisão, depois dois mandatos como presidente do Brasil, a Bolsa Família que tirou milhões de brasileiros da pobreza absoluta. A seguir a queda, novamente a prisão devido a um escândalo absurdo e finalmente a absolvição, a ressurreição e, aos setenta e seis anos, uma nova eleição para a presidência. Nenhum dirigente do mundo se pode gabar de um tal percurso. Lula brinca, provoca, ele já viu de tudo, mas ainda é capaz de fulgurâncias, sabe fazer rir e sabe comover, entra numa sala cheia de chefes de Estado e torna-a sua.

No final da reunião, ele menciona o Haiti, cuja capital está nas mãos das quadrilhas, compromete-se a ocupar-se disso. O presidente francês apresenta-lhe Dany Laferrière, que acabou justamente de vir de lá. Lula entusiasma-se, abraça Dany, dá-lhe uma palma-

da nas costas, como a um irmão há muito perdido. «E aqui está outro escritor», diz-lhe Macron. «Mas eu sou apenas italiano», digo-lhe eu, um pouco envergonhado. Lula ri-se, consola-me com um abraço.

O guarda-costas do presidente iraniano colocou-se em frente da porta da pequena sala onde o seu patrão discute com o presidente francês. O agente do grupo de segurança do Eliseu aproxima-se dele: «Senhor, não pode estacionar aí.» O iraniano não reage. O francês insiste: «Senhor, vejo que é portador de uma arma, isso é inadmissível. Encontra-se em território francês.» O iraniano fixa nele o seu olhar: «O meu presidente está lá dentro.» «O meu também, garanto-lhe que ele não corre qualquer risco.» O iraniano aceita deslocar-se alguns centímetros. O agente do *Secret Service* americano intervém por sua vez: «Senhor, não tem o direito de estacionar aí.» O iraniano não reage. «Além disso, vejo que é portador de uma arma, isso é inadmissível. Encontra-se em território americano.» O francês tem um momento de desvario. O iraniano aproveita para retomar a sua posição original em frente da porta. «Senhor, não pode estacionar aí!» E o carrocel recomeça desde o início.

Tal como o Waterloo de Fabrício del Dongo, a Assembleia Geral das Nações Unidas não pode ser vista no seu conjunto. Há a perspectiva dos dirigentes, convencidos de que são o motor do mundo, na maioria das vezes sujeitos à necessidade, por vezes, capazes de criar o acontecimento, nem sempre para o melhor. Há a dos conselheiros e dos sherpas, que tecem a sua teia e trocam olhares cúmplices, porque conhecem o antes e o depois, o que se passa no palco

e o que escapa à vista. E há a dos guarda-costas, que se olham como cães de porcelana e sofrem porque a própria noção de perímetro de segurança é uma utopia.

Agora, tomemos esses três níveis: os líderes, os conselheiros e os guarda-costas, e multipliquemo-los por cento e noventa e três, o número de delegações nacionais que estão presentes na Assembleia Geral. Cada uma com a inabalável convicção de estar no centro do mundo. Até a de Tuvalu. Até a de Timor-Leste. Começareis a entender porque é que as Nações Unidas não podem funcionar. Mas talvez também porque é que não podemos passar sem elas.

*Há nesta terra algo de pavoroso, é que todos têm as suas razões.* A constatação de Jean Renoir assume aqui a forma de uma instituição que tem por vocação fazer com que todas essas razões se defrontem. Mas não se trata de um processo teórico. A Assembleia Geral da ONU é, antes de tudo, uma questão de corpos.

Os corpos dos dirigentes, habituados aos vastos espaços dos palácios em que normalmente residem, acham-se apertados nos corredores e nas salas claustrofóbicas do Palácio de Vidro (que ostenta muito mal o nome que tem). Os corpos dos conselheiros, dos sherpas, empoleirados nos seus assentos dobráveis, que aguardam, entre o fluxo das fórmulas rituais, a palavra que lhes permitirá seguir em frente, não obstante e contra tudo. E os corpos dos guarda-costas, que são impedidos de fazer o seu trabalho, que se enervam ou encaram as coisas de forma filosófica, que correm para não se distanciarem, que chocam com outros corpos.



O corpo dos poderosos é uma entidade abstracta. Imerso no fausto dos rituais que lhes ritmam a vida, no ouro dos palácios, nas sirenes dos cortejos, ele torna-se um símbolo, a encarnação de uma entidade colectiva, a nação, o Estado. Mas para que essa metamorfose se opere, para que um simples corpo humano se torne a encarnação de milhões de outros, é preciso espaço: as «dimensões demasiado consideráveis para o pequeno número dos seus hóspedes», o silêncio e o «luxo imóvel» que Flaubert atribuía às residências reais.

No antigo Egipto, os degraus que levavam aos pés do faraó eram mais altos do que o necessário para que cada um sentisse a sua inferioridade. Em Berlim, a chancelaria construída por Albert Speer para Hitler era composta essencialmente por um interminável corredor de cento e cinquenta metros, que os visitantes tinham de percorrer antes de chegarem ao gabinete com paredes vermelho-sangue onde o Führer os esperava.

Distância, inacessibilidade: quanto mais distante está o indivíduo, mais o símbolo abstracto ganha precedência sobre o corpo físico. Só que os espaços da sede da ONU são demasiado estreitos, demasiado transbordantes de poderosos: oitenta e sete chefes de Estado neste ano de 2024, e vinte e oito chefes de governo, sem contar com os ministros, os embaixadores, os chefes de organizações internacionais, da União Europeia, da OTAN. Por conseguinte, a transfiguração não pode ter lugar e o corpo físico permanece.

Uma vez por ano, a Assembleia Geral das Nações Unidas é o momento em que os homens de poder voltam a ser corpos.

E todos esses corpos estão em movimento. Correm pelos corredores para chegarem aos compromissos à hora marcada, ou pelo menos para não se atrasarem demais. Comprimem-se dentro dos elevadores, porque não entrar neles significa ficar para trás, sem nenhuma garantia de alcançar os outros a seguir. Abrem caminho entre os microfones e as câmaras para acederem à sala completamente lotada onde talvez esteja a passar-se alguma coisa. Alguma coisa que poderão contar aos seus netos. Ou, mais provavelmente, alguma coisa que já terão esquecido no dia seguinte de manhã.

Espera-se ou corre-se, não há meio-termo. É esse o ritmo da Assembleia Geral, que é aliás o da política no quotidiano. É de morrer de aborrecimento: como afirma Woody Allen, 90% do sucesso consiste em estar presente. Em estar lá. E depois, de vez em quando, é preciso saltar.

A hipótese sugestiva avançada por Ortega y Gasset sobre uma origem desportiva do Estado encontra aqui uma confirmação resplandecente. O nível de testosterona é tão levado que os confrontos físicos não são raros.

Tanto mais que praticamente quase só se trata de corpos masculinos. Menos de 10% dos intervenientes na Assembleia Geral são mulheres. O patrão das Nações Unidas, António Guterres, lamentou isso mais uma vez na sua alocução, mas é pouco provável que a situação evolua a curto prazo: a própria ONU nunca teve uma mulher ao leme. Além disso, os homens que se encontram aqui não são homens como os outros. Se a política é de facto a continuação da guerra por outros meios, daí decorre que tal actividade tende a

atrair em toda a parte os caracteres mais violentos, aqueles que só na luta encontram sentido para a sua vida.

Duas delegações, cada uma com o seu chefe, os seus sherpas, o seu oficial de protocolo, os seus guarda-costas, o seu agente do *Secret Service*, precipitam-se para um corredor estreito. Cada uma é o centro do mundo, tem um compromisso vital e impossível de cumprir. Correm em direcções opostas, colidem. Cada uma quer que a outra se afaste, nenhum destes homens está habituado a ceder a passagem, todos estão acostumados a estradas fechadas à circulação, a passarelas de honra, a cordões que mantêm todos os obstáculos à distância. Surpresa, vozes elevadas, a tensão aumenta, os corpos agarram-se uns aos outros, começam a empurrar-se. De súbito, os líderes reconhecem-se. É Boric, o presidente chileno, um pequeno javali que ostenta no seu andar uma tal determinação que imediatamente se suspeita ser do tipo que é incapaz de desviar uma cadeira. Os dois presidentes abraçam-se. O conflito foi temporariamente neutralizado. Cada um retoma a sua corrida.



Há dez anos, quando eu acompanhava o presidente do Conselho italiano nas suas viagens pelo mundo, inventámos um jogo estúpido com o porta-voz dele, que tal como eu era apaixonado por séries televisivas. Na época, podia-se distinguir três categorias principais de séries políticas. A primeira, que se poderia qualificar como heróica, abrangia produções como *The West Wing*, que representavam a política como uma

competição virtuosa entre pessoas geralmente competentes e bem-intencionadas. A segunda, mais sombria, pintava a política como uma selva hobbesiana na qual ninguém é inocente e em que a única regra é a sobrevivência. Essa era a categoria *House of Cards*, muito popular junto dos políticos porque os representava como personagens maquiavélicas, brilhantes e sem escrúpulos, imersas numa vida apaixonante de intrigas e de acções mal-intencionadas. Pelo contrário, a terceira categoria, a de *sitcoms* como *The Thick of It* e *Veep*, do grande Armando Iannucci, mostrava a vida política como ela é: uma comédia de erros permanente, na qual as personagens, quase sempre inadaptadas ao papel que ocupam, tentam safar-se disso, livrando-se de situações sempre inesperadas, muitas vezes absurdas, por vezes ridículas.

No final de cada dia de viagem, Filippo e eu fazíamos um balanço: qual a percentagem de *West Wing*, de *House of Cards* e de *Veep*? O resultado era, em geral, de cerca de 10% de *West Wing*, 20% de *House of Cards* e o restante de *Veep*. Na época isso fazia-nos rir: uma maneira como qualquer outra de aliviar a tensão e o cansaço que se acumulam nesse género de circunstâncias. Além disso, o primeiro-ministro australiano, Malcolm Turnbull, juntara-se involuntariamente a nós, ao adoptar para as eleições de 2016 o lema «Continuidade com mudança», que na quarta temporada de *Veep* era a divisa da personagem principal para a sua campanha presidencial. «Procurámos o *slogan* mais insignificante que nos ocorresse», haviam explicado os criadores da série.

Desde então, há que dizê-lo, os tempos ensombraram-se consideravelmente. A actualidade oferece cada vez

menos ocasiões para rir. Em teoria, a agenda do presidente francês prevê um encontro com «Sua Excelência o senhor Benjamin Netanyahu, primeiro-ministro de Israel» às 10h15 do dia 25 de Setembro. Mas, nas últimas vinte e quatro horas, em resposta aos disparos de foguetes que chovem incessantemente sobre Israel, o exército israelita lançou uma campanha de ataques em larga escala no sul do Líbano. Os mortos contam-se já às centenas e dezenas de milhares de pessoas tiveram de deixar as suas habitações para irem procurar refúgio mais a norte. Devido a isso, a presença de Netanyahu em Nova Iorque voltou a estar em causa. É difícil vir falar à tribuna da ONU no meio de uma operação dessa natureza. Pelo seu lado, a França solicita a convocação urgente do Conselho de Segurança, com o objectivo de tirar os Estados Unidos do seu prolongado torpor para os associar à França e reclamar um cessar-fogo entre Israel e o Hezbollah.

Uma peça essencial do quebra-cabeças é representada pelo Irão, inimigo implacável de Israel e grande patrocinador do Hezbollah libanês. Justamente, os precursores da presidência iraniana chegam à pequena sala do gabinete de França para inspecionarem o local. A última vez que os vi foi na Assembleia Geral de 2015, antes do encontro entre o primeiro-ministro italiano e o presidente iraniano. Nesse dia, eles tinham-se apresentado com dois ventiladores da marca *Dyson*, pouco antes da chegada do seu chefe, descontraído, sorridente. O acordo sobre o nuclear tinha passado à história desde há algumas semanas e as relações entre a República Islâmica e o Ocidente pareciam estar a melhorar.

Desta vez a atmosfera é diferente. Não há ventiladores. A *advance team* inspecciona meticulosamente a pequena sala, procurando sabe-se lá o quê. Um microfone? Uma bomba? Ambos? Chega a delegação propriamente dita: o presidente recentemente eleito após a morte do seu antecessor num acidente de helicóptero, o ministro dos Negócios Estrangeiros, dois conselheiros, fatos pretos, barbas reluzentes, rostos fechados.

Como de costume, o encontro desenvolve-se em três níveis. Na pequena sala, o presidente Pezeshkian recita a litania que também irá repetir na tribuna da Assembleia: Vocês, os ocidentais, atacam-nos por causa de ninharias, insurgem-se de cada vez que um criminoso é atirado para a prisão no nosso país e, ao mesmo tempo, permitem o massacre de milhares de inocentes em Gaza e, hoje, no Líbano... Vocês deviam revoltar-se, não apenas enquanto dirigentes políticos, mas sobretudo enquanto seres humanos.

Ao mesmo tempo, no exterior, os guarda-costas entregam-se ao bailado anteriormente descrito. Todavia, como acontece com frequência nestes rituais imutáveis, a brecha abre-se ao nível intermédio, o dos sherpas em busca da oportunidade que lhes há-de permitir retomar o fio do diálogo. No final da reunião, um dos iranianos aproxima-se de Emmanuel Bonne, o sherpa do presidente francês. Apresenta-se, enceta uma breve conversa. Sacam ambos dos seus cartões-de-visita. «*Let me give you my mobile number*». Bonne acrescenta à mão o seu número de telemóvel. Um fio, infinitamente frágil, materializou-se a partir do nada. Quem sabe se não irá desembocar em alguma coisa.

É esse o milagre da Assembleia Geral: o último lugar onde pessoas que não têm o hábito de con-

versar entre si podem fazê-lo. Excepto quando as pessoas não vêm. A reunião bilateral com Netanyahu é oficialmente cancelada. No entanto, o presidente de Chipre diz que ele deve chegar durante a noite, parece que estão hospedados no mesmo hotel. «Em geral, os cipriotas estão bem informados», comenta o seu homólogo francês, meio irónico, meio optimista.

O outro espectro que vagueia pelo Palácio de Vidro é o de Putin. O *czar* não está lá, mas o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Lavrov, atoa a partir da tribuna da Assembleia Geral: «A esperança da Ucrânia de derrotar a Rússia no campo de batalha é insensata, dado que Moscovo detém armas nucleares e que qualquer esforço de aliança da OTAN para continuar a ajudar Kiev virá a revelar-se uma escapada suicida.»

O representante permanente da França junto das Nações Unidas conta-me os seus encontros com Vladislav Surkov, o antigo *spin doctor* de Putin que se tomava por um artista, durante as primeiras negociações sobre a Ucrânia. A personagem que ele me descreve é fria, muito competente, mais brutal do que eu imaginava. «Os outros russos tremiam quando ele entrava na sala. E ele nem sequer disfarçava. Quando nós colocámos a questão da atitude dos separatistas, que o Kremlin alegava não controlar, ele respondeu: ‘Não se preocupem, eu próprio trato disso’.» Numa outra ocasião, também Bonne me descreveu o seu Surkov: um negociador brutal, que se podia tornar fisicamente ameaçador, como os russos desse jaez muitas vezes são, todavia também brilhante, capaz de gestos surpreendentes. «Sem ele, só resta brutalidade», dissera-me o sherpa com uma ponta de arrependimento.